



Sem título, de Carlos Moreira, 1974. Reprodução: Alessandra Simões Paiva

EXPOSIÇÃO

AS BORDAS PULSANTES DA SEMANA DE 22

Exposição esquadrinha a São Paulo periférica por trás do evento deflagrador do modernismo brasileiro.

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA
ABCA/BAHIA

Uma das exposições mais consistentes sobre o centenário da Semana de 22, a mostra *Margens de 22: presenças populares*, em cartaz até o dia 24 de fevereiro, no Sesc Carmo, em São Paulo, desafia as percepções mais ordinárias a se modificarem em relação ao evento deflagrador do modernismo nacional. A gênese do time curatorial talvez explique, em parte, o viés inusitado da mostra: Joice Berth (arquiteta e urbanista), Alexandre Araujo Bispo (antropólogo e crítico de arte) e Tadeu Kaçula (sambista e sociólogo). Com formação e olhares de diversos, o trio conseguiu montar um evento bastante inovador, que extrapolou o campo das artes para abarcar uma releitura do modernismo com perspectivas múltiplas, como a antropológica, e sociológica e a urbanística, explorando não apenas os artistas e intelectuais ligados oficialmente à Semana, mas outras personalidades e fenômenos culturais, conectando-os coerentemente com o advento da modernidade que se insurgiu no contexto da belle époque paulistana. Nestas bordas, estavam comunidades

e artistas que delinearão a nascente cultura popular paulistana, porém sem a mesma visibilidade nos compêndios históricos destinada ao seletivo grupo presente no pomposo Theatro Municipal. Dividida em nove núcleos, a mostra aborda temáticas em torno da vida periférica na metrópole, como a infância, a maternidade negra, a religiosidade, os festejos, entre outras, que atravessavam a vida prosaica dos trabalhadores e trabalhadoras que compuseram a identidade paulistana. Trata-se de uma estratégia curatorial condizente com a trama cultural complexa que se formou em torno de um contexto em que o capital cafeeiro estimulava intensamente a indústria manufatureira, refletindo-se em um desenfreado crescimento urbano, com a expansão física da cidade em tentáculos fragmentados e desconectados da região central. Essa São Paulo múltipla e estilhaçada está muito bem representada logo no início do percurso da exposição com a obra *Autocartoretrato* (2018), de Mauro Neri, composta por colagens ritmadas de imagens da cidade, mapas, entre outros elementos.

Como explicou a curadoria, a mostra aborda uma “dupla marginalização” em relação ao evento: a falta de determinadas linguagens artísticas, como as fotográficas, as teatrais e as cinematográficas; e a ausência de um público que não pertencia à classe burguesa frequentadora do teatro. A exposição foi organizada em torno de três conceitos: pessoas, coisas e lugares, ligados direta ou indiretamente à temática do modernismo e da modernidade cultural em São Paulo.



Autocartoretrato, Mauro Neri, 2018. Reprodução: Alessandra Simões Paiva.



Estudo para a Negra, Tarsila do Amaral, 1923. Reprodução: Google Arts & Culture.

Documentos, objetos e imagens retratam fartamente a produção cultural de comunidades sujeitas à desigualdade e à segregação social no período pós-escravização. Percorrer este material é testemunhar uma São Paulo realista e plural, cujos 200 mil habitantes na época ajudavam a transformar a antiga vila de Piratininga na grande e paradoxal urbe industrial que se

tornaria o paradigma da modernização industrial, urbana e cultural do país.

A curadoria organizou o espaço expositivo em núcleos temáticos, compostos por obras de arte e farto material ilustrativo e documental, proporcionando um mergulho sinestésico na Paulicéia desvairada, que ganhava ares cada vez mais urbanos com o início do processo de explosão demográfica e a chegada dos imigrantes. Aliás, é esta perspectiva crítica a respeito de São Paulo que emerge do poema Ode ao Burguês, declamado por Mário de Andrade durante a Semana: “Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,/ o burguês-burguês!/ A digestão bem-feita de São Paulo!/ O homem-curva! O homem-nádegas! Ou ainda, é possível ver a São Paulo da prosa modernista do escritor Antônio de Alcântara Machado, que não esteve na Semana, mas que em seu célebre livro “Brás, Bexiga e Barra Funda” revelava a preocupação em descrever os habitantes, os imigrantes e os costumes das pessoas que habitavam os bairros periféricos da capital

Paulista (aliás, na mostra Margens de 22 há obras do artista Antônio Paim Vieira, que ilustrou o livro Pathé Baby, de Alcântara). Se testemunhos oculares como estes captaram com sensibilidade a realidade de sua época e lugar, os registros históricos ficaram aquém. Porém, diversos revisionismos neste centenário de 22 estão dando conta de uma nova perspectiva sobre o período, como revela a mostra Margens de 22.

“A PROPOSTA DESTA EXPOSIÇÃO É UM EXEMPLO DAS TENDÊNCIAS QUE VÊM MARCANDO A CURADORIA CONTEMPORÂNEA, E A PROMOÇÃO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ÁREAS DIVERSAS EM TORNO DAS VISUALIDADES...”

A mostra conta com diversas preciosidades de artistas modernistas, que participaram diretamente da Semana, ou não. A obra *Lavadeiras*, de 1923, de Anita Malfatti, por exemplo, aparece em versão fac-símile, desenho colorido da coleção do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Do pintor Di Cavalcanti, há a

obra *As mulatas*, de 1974, pertencente ao Acervo de Arte Brasileira do Sesc, realizada dois anos antes da morte do pintor, que dedicou grande parte de sua poética ao tema da mulher negra brasileira. Mário de Andrade está representado em um retrato em gesso de autoria do escultor Bruno Giorgi, de 1945, adquirido pela municipalidade para compor o acervo da Coleção de Arte da Cidade, em 1949. Um dos estudos feitos em 1923 para o quadro *A Negra*, de Tarsila do Amaral, também pode ser visto na exposição.

As fotografias apresentadas na exposição também compõem um forte arcabouço documental e estético produzido entre a primeira metade do século 20 até meados de 1950, saltando em seguida para os anos 1990. Além de imagens com autoria anônima, há importantes nomes históricos como Vincenzo Pastore, Guilherme Gaensly, Aurelio Becherini, Marc Ferrez ou ainda contemporâneos como Luís Musa e Tuca Vieira. Essas obras compõem um registro não cronológico e multifacetado ao longo da trajetória da exposição, revelando assim o



As mulatas, Di Cavalcanti, 1974. Reprodução: Alessandra Simões Paiva.



Helena, de Alexandre Ignácio Alves, 2021. Reprodução:
Alessandra Simões Paiva.

próprio caráter complexo da cultura paulistana.

Interessante notar como a mostra se inicia pelo presente, e não pelo passado, reforçando assim uma comunicabilidade mais efetiva com o público. Logo na entrada, está o núcleo Arte Contemporânea, que exhibe obras como a videoperformance *Danço na terra em que piso* (2014), de Renata Felinto, na qual em diversas sequências a artista dança ancestralmente para marcar um território pungentemente atual, resgatando assim a memória afro-diaspórica com gestos corporais que dialogam com os espaços concretos da cidade e de seus habitantes inviabilizados (entre eles, a própria artista). Ou ainda obras do artista Gejo Tapuya, com o quadro *Praça da Sébo* (2010), mix de fotografias com pintura em stencil, mostrando a cidade real que se transformou num mix explosivo de personagens e modos de viver heterogêneos. Uma cidade que, ao mesmo tempo em que expressa a imoralidade da segregação urbana, reveste-se de arte com as cores explosivas do grafite, como revela a



Videoperformance “Danço na terra em que piso” (2014), de Renata Felinto. Reprodução: Alessandra Simões Paiva.



Praça da Sé, Gejo Tapuya, 2010. Reprodução: Alessandra Simões Paiva.

imagem em estilo stencil de um urubu vermelho e verde em seu primeiro plano, ou de um peixe pop surreal que brota das águas da fonte da Praça da Sé, onde se banham mendigos e crianças nas ruas.

No núcleo Lugares, retrata-se uma

cidade que cresce vertiginosamente a partir das tentativas de apagar as marcas de sua pobreza colonial. Para isso, acomodam-se modos de viver dirigidos a uma elite com toda a estrutura necessária, enquanto joga-se para as margens a população pobre e desprovida de direitos básicos.

Como pode ser visto na fotografia de Carlos Moreira, de 1974, em que um mendigo, homem negro e completamente esfarrapado, dorme aos pés de uma escadaria que em sua base apresenta uma rebuscada estátua neoclássica.

Em *Festejos*, a curadoria expõe objetos artísticos e artefatos ligados à ideia da festa que se mistura à religião, mas que não se restringe a esta. Referência agregadora para a população negra periférica, os festejos, sejam os cordões de carnaval ou os rituais do candomblé, estão representados em obras como as de Lívio Abramo, a pintura de Maria Auxiliadora ou ainda o conjunto de santinhos funerários como parte da iconografia católica. A temática aparece ainda em obras como *Retrato de mulher diante da cruz, com criança chorando ao lado*, do fotógrafo ítalo-paulistano Vincenzo Pastore, de 1910. A propósito, sua obra aparece em outras áreas da exposição, revelando o permanente interesse de Pastore pelo espaço urbano moderno, mas com traços ainda coloniais. São espetaculares suas fotografias que retratam homens e mulheres egressos



Estandarte do Cordão Carnavalesco Vai-Vai.
Reprodução: Alessandra Simões Paiva

da escravidão ou da imigração, tipos populares trabalhando nos arredores dos mercados e nas ruas da cidade, flagrantes de conversas casuais.

Além da fotografia e do vídeo, objetos diversos estão presentes na mostra, entre eles, estandartes, como o do Cordão Carnavalesco Vai-Vai, fundado em 1930, no bairro Bela

Vista. Uma parede coberta com lambe-lambes, retratando páginas de jornais da imprensa negra das décadas de 1910 a 1940, evoca a efervescência da comunicação feita por pessoas negras na capital paulistana. Assim, a mostra compõe um retrato fiel da Sampa em seu “avesso do avesso do avesso do avesso”, como canta Caetano Veloso, ao apresentar a cultura produzida pelo povo oprimido nas vilas distantes dos palacetes que abrigavam os saraus de uma elite paradoxalmente moderna, aspirante à modernização e ao mesmo tempo ultraconservadora.

A proposta desta exposição é um exemplo das tendências que vêm marcando a curadoria contemporânea, e a promoção da articulação entre áreas diversas em torno das visualidades. Desde as mudanças paradigmáticas iniciadas na década de 1980 em prol da ressignificação do espaço expositivo, como as ações de curadoria global e etnológica, este campo vem passando por transformações diversas, e aponta atualmente para um possível alastramento múltiplo e criativo da tradução e mediação

cultural. Provocar uma mudança de pensamento nos fruidores a partir de uma visita a uma exposição talvez seja um dos maiores desafios curatoriais que se reproduz nesta mostra. Sua inventividade interpretativa ajudou a desinventar o mito da semana modernista e reconstruir uma São Paulo composta por um passado inexistente nas grandes narrativas sobre 22. Uma realidade impressa nos artefatos cotidianos, nas identidades invisibilizadas, nas enviesadas tramas urbanas, nas sonoridades, enfim, em materialidades ou imaterialidades que se interrelacionam com o campo das artes. A mostra contribui, assim, para tornar mais real um evento cravado no imaginário coletivo brasileiro como algo quase inefável, a tal da Semana de 22 congelada nos livros escolares.

E, como provou esta exposição, a medida da qualidade curatorial não se faz pelo quão mais realista é a reprodução de determinado contexto histórico, mas por sua própria potência de recriação do passado. Perpassar seus espaços enunciativos



Retrato de mulher diante da cruz, com criança chorando ao lado”, do fotógrafo ítalo-paulistano Vincenzo Pastore, circa 1910. Reprodução: Alessandra Simões Paiva.

é como reviver uma São Paulo inusitada, tão rica culturalmente em suas periferias, como se pode ver em seu hiperbólico carnaval e na caudalosa imprensa negra, que só poderiam ser revividos no momento presente por este ato criativo de reconstituição multifacetada. Trata-se de uma exposição que faz do estético ato político, mostrando o quanto a vida pulsava às margens da Semana de 22.

Margens de 22 evoca perguntas como: qual o papel da arte e de suas instituições em nossas vidas cotidianas diante da explosão da miséria tão explícita em grandes metrópoles como São Paulo? Quais os limites entre o centro e as margens nas narrativas históricas? Qual a relação entre a memória coletiva e sua reinvenção pelas práticas artísticas? As respostas estão ali, neste emaranhado de referências que levam o fruidor a repensar a cidade de ontem e de hoje, expressa em imagens e informações anteriormente desconexas no espaço-tempo da existência real e dos arquivos. Agora, reunidas, organizadas, pensadas, articuladas

e expostas ao público, elas recontam esta história, lembrando que a vivacidade da cultura está no entendimento de que o passado é o presente, e vice-versa, e que a arte pode ser compreendida para além de suas fronteiras ontológicas. Somente uma curadoria sensível poderia ser capaz de alcançar sucesso nesta empreitada.

Exposição Margens de 22: presenças populares, no Sesc Carmo, Rua do Carmo, 147 - Sé, São Paulo. Até 24 de fevereiro de 2023. De segunda a sexta, das 10 às 23 horas, exceto feriados. Entrada gratuita.

ALESSANDRA SIMÕES PAIVA

Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), European Network of Brazilianists Working in Cultural Analysis (REBRAC). Docente na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).